

O objeto voz na experiência de uma análise

Rômulo Ferreira da Silva

Foi por querer saber muito cedo sobre o gozo do Outro que me coloquei ao lado das mulheres. Uma pretensão: querer saber o que a mulher quer para alcançar o objeto de sua satisfação; o que redundou em querer ser esse objeto.

No percurso da análise pude fazer uma associação do objeto oral e do objeto voz.

No início, o objeto oral se apresentava como o que havia de mais revelador, porém, o objeto voz se revelou como importante acontecimento de corpo. Só muito no final é que o objeto olhar pôde ser destacado como o objeto a privilegiado.

É interessante como a fixação de um objeto pode obscurecer o que temos de fato como objeto a em um sujeito.

Ao meu redor, o prazer e a alegria estavam do lado das mulheres. De família italiana, tudo acontecia na cozinha em torno de uma farta mesa. Mesmo nos momentos de grande tristeza se ouvia: "*mangia che te fa bene!*". Aprendi muito cedo a cozinhar com meu pai. Ele fazia pratos rápidos e simples, tais como arroz carreteiro, feijão com carne, quiabo e farinha, sempre à distância das mulheres; na pescaria ou quando elas estavam viajando. Havia por parte delas uma crítica porque se tratava de comida simples que não se aplicava à vida corrida do dia-a-dia, que elas eram obrigadas a fazer: "Assim qualquer um cozinha". Tentei, então, me sofisticar prestando atenção nelas.

Junto com o comer e beber se mesclava o falar. Elas falavam e riam muito. Cada uma, com sua gargalhada peculiar, parecia expor o que tinha de mais agradável a se conquistar em uma vida.

Fazer falar e fazer rir, portanto, era uma maneira de fazer o outro gozar. Tornei-me especialista em fazê-las falar e rir. Essa posição satisfazia uma parte da fantasia, a de objeto. Deixava, no entanto, escondida, a posição de sujeito que, mesmo se satisfazendo pela via do comer, beber, fumar, rir e falar, deixava a desejar o que era, de fato, da ordem do objeto para mim.

A conexão que a fala produz entre o objeto oral e o objeto voz nos diz alguma coisa.

O fato de estarem os dois objetos envolvidos com a mesma parte do corpo pode prestar-se a equívocos.

Até meus seis ou sete anos, fui praticamente anoréxico, havia grande preocupação com minha magreza e falta de apetite. Minha voz era áfona. Passei a comer, com vigor, como elas, passei a falar como elas.

Frente a situações nas quais era solicitado a dizer o que queria comer, respondia sempre: "tanto faz". Quando era solicitado a falar, no sentido de tomar a palavra, ela não saía. Sob tensão, quando era necessária a participação da voz, o que me acometia era um choro que também não se externava. Saía um gemido. Era mais uma expiração impedida, um grito contido. Ao ser convocado a falar, experimentava uma retração do corpo. Deixar a voz sair seria deixar cair um objeto ao qual eu me mantinha apegado.

A função evocante da voz fazia com que eu entrasse em mutismo.

Se para se constituir como sujeito é necessário que o objeto se despregue do corpo, a operação que ocorre com o objeto oral e o objeto anal pode ser considerada mais simples. Trata-se de objetos concretos que se despregam do corpo do ser vivente. Com o objeto voz a situação é diferente. Para que ele se torne um objeto é preciso apoderar-se dele, a fala não é inata como o é a sucção e a excreção. Para o objeto voz é preciso uma posição ativa do sujeito, um certo querer aceder à condição humanizadora.

Esse objeto é dado pelo outro e não se pode recusar. O ouvido não é um órgão que se fecha, ele está sempre recebendo. É diferente quando um bebê suga o leite até se fartar e deixa o peito por estar saciado. Também diferente quando ainda não está saciado e o peito lhe é tirado.

Da mesma forma, o bebê não se dá conta de sua vontade de expelir algo quando as fezes estão fazendo pressão em seu reto. Ele as elimina. É mais tarde que vai assimilar esse movimento fisiológico com a demanda do outro.

Com a voz, ele não pode fisiologicamente se negar a escutar o que está em volta, tampouco pode tomar para si a fala desde o início. O ouvido não abre e fecha, respeitando o princípio do prazer. É o objeto intrusivo por excelência, como podemos observar nos fenômenos psicóticos. Nos autistas, observamos como um "tic-tac" pode ser objeto de atenção e satisfação, ao mesmo tempo em que um batido de porta pode deflagrar uma crise enorme. Se para a constituição do sujeito, pensada a partir da função de corte, fica claro o trauma em relação à separação dos objetos quando relacionados ao objeto oral, anal e fálico, em relação ao objeto voz, esse corte não é tão claro.

Para se estabelecer a voz como objeto é preciso uma posição ativa do sujeito que é a aquisição da fala, mesmo que em seus primórdios possamos localizá-la como um grito. Esse grito, associado a uma imagem, será interpretado pelo outro e o sujeito passa a ser contado como Um. Para sair do autoerotismo primário, como nos diz Freud, é preciso que o sujeito receba o que vem do outro e faça disso uma surdez para que a voz que seja emitida carregue algo de sua particularidade.

Um bom pediatra sabe valorizar a queixa de uma mãe, quando esta diz que o choro, ou a falta dele, não está normal. Mesmo não havendo evidências biológicas que demonstrem alterações orgânicas, pode haver alguma coisa na relação do bebê com seu entorno que o esteja incomodando.

Tive uma experiência espetacular como interno de pediatria quando chegou um bebê aos berros, trazido pela mãe, também aos berros, que achava que o filho estava morrendo. A pediatra o examinou rapidamente e se pôs a falar com a mãe. Vale dizer que essa pediatra era conhecida por ter uma voz estridente e gritar muito com os internos no plantão, quando as coisas não iam bem. "Pare de gritar!", foi o que a pediatra gritou para a mãe. A anamnese transcorria em tom de voz baixo, enquanto a pediatra fazia os exames físicos de forma carinhosa. O bebê relaxou, parou de chorar. A mãe desesperada gritou: "ele morreu?". O bebê voltou a chorar. A pediatra, como de costume, gritou: "Não!" e para mim e para a enfermagem: "tirem essa mulher daqui!". Saiu com o bebê no colo, como se fosse o filho dela. Tivemos que chamar o segurança para dar uma contida na mãe. Logo em seguida, as coisas se acalmaram, a pediatra voltou com o bebê e disse que mesmo não tendo evidências de algo errado com ele, faria os exames de rotina. Foi impressionante ver o final da conversa das duas. Em harmonia, a mãe achando a pediatra a melhor médica que havia encontrado. Ela pôde demonstrar para a mãe o quanto o seu desespero colocava a criança numa espécie de defesa contra os sons que a invadiam. Os gritos do bebê só tinham uma interpretação: "ele está morrendo". Essa intervenção de um terceiro pode ter tido um efeito de fazer com que essa mãe tentasse interpretar a reação da criança como algo próprio, algo a ser interpretado pelo outro e, por conseguinte, permitir à criança uma interpretação outra do desejo do outro sobre ela.

É preciso tomar para si o que circula entre o ser e o Um para que o sujeito advenha. De toda forma, não podemos negligenciar que há de haver condições para que isso ocorra.

Falar em outra língua teve uma função importante na minha análise. Logo no início o analista advertiu: é

preciso falar melhor o francês. Uma exigência com efeitos, já que havia uma cultura familiar/regional de se falar de maneira mais coloquial possível. Falar bem o português era interpretado como arrogância e prepotência.

No início da análise avaliava que o analista poderia não entender nada do que eu dizia, pois julgava que o francês era pífio.

Não interessava mais o que dizia e as interrupções das sessões tinham repercussões para além do conteúdo da fala.

O silêncio persistente do analista me fez percorrer todo o mito familiar, as situações traumáticas e as soluções encontradas ao longo da vida e das análises anteriores para me defender do real. O silêncio evocava que eu falasse, mesmo quando não tinha o que dizer. Falar tornou-se um sofrimento. Não podia mais falar qualquer coisa, pois já havia esgotado minhas histórias. Eu era, de fato, convocado a falar aquilo que ainda não tinha falado. A possibilidade de tomar a palavra sem que ela fosse articulada ao sentido trazia angústia. Era a presentificação do objeto.

O esforço de dizer em outra língua, traduzir para mim mesmo o que havia se passado, fez-me distanciar do drama, da história que muitas vezes gostava de contar em rodas de amigos. Minha história se tornou chata, ridícula e vazia.

Ocorreu um sonho: eu estava em um tanque, como um aquário ou uma piscina que tinha um tampo, portanto, não havia como ir à superfície para respirar. Estava tentando expirar mas só havia água. O esforço era tremendo. Havia uma torneira e eu olhava para ela com a tentação de abri-la, porém, o raciocínio era lógico, se eu a abrisse aquela piscina se encheria mais ainda. A torneira tinha forma de um santo. No desespero decido abri-la. Me dou conta que aquela era a saída da água, ao invés de entrar, a água saía, o que me deu grande alívio. Permanecia ainda na expectativa, porque seria necessário um tempo para que a

água baixasse e eu pudesse respirar. Eu disse na sessão que naquele momento eu me sentia..., "je me sens... je me sens...", eu não queria dizer angustiado porque não era exatamente isso o que eu sentia, mas era o significante que me vinha, então, procurava outra palavra e repetia "je me sens, je me sens...gemeção". Fiz uma assonância do francês ao português e me escutei numa gemeção. Era uma gemeção na tentativa de expelir o que estava dentro de mim, o ar, o choro na infância que eu não conseguia deixar sair a voz, quando era convocado a falar e não tinha como fazê-lo. Aí veio a fala do analista: "J'aime saint", e fim de sessão. Eu escutei: eu amo santo. O que faria todo o sentido porque a torneira aberta tinha forma de santo: "eu amo o santo que salvou minha vida, o santo que sou". Me levantando do divã, reinterpretei a fala do analista pensando: "em francês não se diz 'J'aime saint' como "eu amo santo". E escutei, como em um segundo momento: "eu amo sangue/j'aime sang". Ou seja, não amo e nem sou santo coisa nenhuma, eu amo sangue! Não foi à toa que decidi colocar o santo de cabeça para baixo para me salvar.

Um fenômeno importante: ao mesmo tempo em que falava menos na vida, minha voz tornou-se mais ativa. De uma voz tímida, feminina até, adveio uma voz no tom mais natural, mais conforme às minhas cordas vocais. Percebi o quanto foi um esforço me furtar ao natural de minha voz. Um compromisso marcado pela identificação à minha mãe e a todas as mulheres que pretendi seduzir sendo um homem mais adorável do que todos aqueles que eu havia tido contato.

Na língua francesa pude me expressar sem o compromisso de modelar minha voz para uma voz mais acessível aos ouvidos femininos.

Ficou claro que o objeto de que se tratava não era o objeto oral, e sim o objeto voz.

A quantos objetos a o sujeito está ancorado? Depois dessa extração de objeto, se assim posso dizer, ainda não

era o fim. A função evocante da voz estava vinculada ao se fazer ver que o objeto olhar impunha. Um sonho pôde revelar isso. Um neologismo, em francês, formado por letras feitas de fumaça: "GOULANT". O som parecia "gourmand", eu via as sílabas por partes: *go, gol, goul, an, un, aun, ant*. Elas iam se desfazendo e eu não podia mais formar uma palavra.

Só nos últimos suspiros da análise é que a queda do objeto olhar se apresentou e permitiu o fim.